

V

SAVANAS

NO CERRADO

De 26 a 29 de outubro de 2020

Narrativas e Identidades Africanas e
Afrodiaspóricas, Dilemas Contemporâneos.

CADERNO DE RESUMOS



Comissão Organizadora

A comissão organizadora do V Savanas no Cerrado está constituída da seguinte forma:

Promoção

Grupo de Pesquisa, vinculado ao CNPQ: Mayombe: Literatura, Historia e Sociedade da Universidade de Brasília (<http://www.mayombe.com.br/>)

Comitê Organizador

Prof. Dr. Cláudio R. V. Braga (UnB)
CV: <http://lattes.cnpq.br/4006703147439147>
Presidente da Comissão

Profa. Dra. Norma Diana Hamilton (UnB) – Líder do Grupo Mayombe UnB
CV: <http://lattes.cnpq.br/0537459167972337>
Vice-presidente da Comissão

Profa. Dra. Luciene Pereira (SEE/DF) – Vice Líder do Grupo Mayombe UnB
CV: <http://lattes.cnpq.br/9538964853458375>

Profa. Dra. Fernanda Alencar (UnB)
CV: <http://lattes.cnpq.br/6007880701572434>

Designer artístico: Ramon Duarte
Contato: ramonpublicitario@gmail.com
Instagram: @algointeressante

Web designer e técnico do evento: Denys Rogeres
Contato: dennysrogeres@gmail.com/
Instagram: @denys.rogers

Comitê científico

Profa. Dra. Norma Diana Hamilton (UnB)
CV: <http://lattes.cnpq.br/0537459167972337>

Profa. Dra. Luciene Pereira (SEE/DF)
CV: <http://lattes.cnpq.br/9538964853458375>

Prof. Dr. Cláudio R. V. Braga (UnB)
CV: <http://lattes.cnpq.br/4006703147439147>

Profa. Dra. Fernanda Alencar (UnB)
CV: <http://lattes.cnpq.br/6007880701572434>

Prof. Edvaldo Aparecido Bergamo (UnB)
CV: <http://lattes.cnpq.br/7021881106861960>

Prof. Dr. Rogério Max Canedo – UFG
CV: <http://lattes.cnpq.br/4622711395003234>

Prof. Ms. Anderson Silveira França (UnB)

CV: <http://lattes.cnpq.br/4696973073103949>

Prof. Ms. Luís Augusto Ferrara Saraiva (UnB)

CV: <http://lattes.cnpq.br/7526404645304004>

Profa. Ms. Eli Lara Mendes (UnB)

CV: <http://lattes.cnpq.br/8271002082199995>

Profa. Ms. Nilza Laice (UnB)

CV: <http://lattes.cnpq.br/5665282445940172>

Profa. Dra. Vanessa Ribeiro Teixeira (UFRJ)

CV: <http://lattes.cnpq.br/1496045632385590>

Profa. Dra. Lúcia Barbosa (UnB)

CV: <http://lattes.cnpq.br/5030878430187815>

Profa. Dra. Kelly Tatiane Quirino (UnB)

CV: <http://lattes.cnpq.br/2143395951134941>

Instituições Patrocinadoras

FAP/DF

IL/UNB

Secretaria técnica

Márcia Franklin Rios

Adélia Alexandra Vaz Eduardo Rodriguez

Contato: A&M Consultoria

APRESENTAÇÃO

Norma Diana Hamilton (UnB)
Líder do grupo Mayombe

Esta obra registra resumos de trabalhos apresentados como palestras e comunicações no evento, V SAVANAS NO CERRADO UnB 2020 - “Narratividades e Identidades Africanas e Afrodiaspóricas: Dilemas Contemporâneos”. O evento foi promovido pelo grupo de pesquisa vinculado a CNPQ, Mayombe: Literatura, História e Sociedade, sob a organização geral de Norma Diana Hamilton, Luciene Pereira, Cláudio Braga, e Fernanda Alencar.

A realização do evento concentrou a socialização das novas pesquisas que vêm sendo feitas no âmbito do grupo de pesquisa Mayombe: Literatura, História e Sociedade do Instituto de Letras/UnB, e o desenvolvimento de um diálogo interdisciplinar com outras áreas, a saber: sociologia, comunicação, tradução e filosofia. Dessa forma, possibilitou a extensão do acesso a esse conhecimento à comunidade universitária e não universitária, isto é, a estudantes e profissionais – professores e funcionários públicos do Distrito Federal –, sejam os que estudam ou trabalham com a cultura africana e afrodescendente ou não.

Os objetivos específicos do evento incluíram: a apresentação dos recursos teóricos e metodológicos mais recentes na análise do discurso sobre a cultura e literatura africana e afrodescendente; a integração acadêmica interna das pesquisas do Grupo Mayombe com outras pesquisas dos institutos de Sociologia (UFU), Tradução (UFRJ e UnB), Comunicação (UnB), Filosofia (UnB), Educação (SEE/DF), dentre outros institutos; a contribuição para a capacitação de professores da rede pública do Distrito Federal que trabalham com o ensino da cultura e literatura afro-brasileira e afrodescendente em geral; o aprimoramento da formação dos pesquisadores envolvidos no evento; a contribuição para o empoderamento da juventude negra do Distrito Federal pela discussão e debate sobre a cultura e identidade afro-brasileira; e o fomento do caráter interdisciplinar da pesquisa acadêmica, ampliando as reflexões para o campo da literatura e outras áreas das humanidades.

Discutir questões étnico-raciais no mundo e na comunidade do Distrito Federal continua sendo um empenho necessário na contemporaneidade, uma vez que o assunto incide sobre questões socioeconômicas. No Brasil, as pessoas autodeclaradas negras compõem cerca de 54% da população. Entretanto, apesar de ser maioria na demografia do país, na esfera socioeconômica próspera, o negro figura como minoria ainda na atualidade. Tendo em vista este cenário, o governo brasileiro vem investindo na contenção dessa disparidade com a implementação de Leis e resoluções socioeconômicas. Dentre elas, há a Lei 10.639/2003, que reconhece a importância da cultura afrodescendente como parte integral da identidade brasileira nacional, e que busca garantir a inclusão dessa história e cultura no espaço educacional.

A quinta edição do Savanas no Cerrado - Narratividades e Identidades Africanas e Afro-diaspóricas: Dilemas Contemporâneos, que se realizou nos dias 26, 27, 28 e 29 de outubro de 2020, se propôs a desenvolver uma reflexão crítica e interdisciplinar das culturas e identidades africanas e afrodiaspóricas. Acredita-se que o evento, gravado e disponível no site mayombe.com.br e no canal no youtube Savanas no Cerrado: https://www.youtube.com/watch?v=tDk2cR7mW_Q tem papel formador para a audiência, os jovens brasileiros, sobretudo, mas não exclusivamente, para os afrodescendentes. Buscou-se empoderar a juventude afro-brasileira do DF, ao dialogar sobre a maneira pela qual entendemos hoje a herança e identidade cultural afrodescendente. No empenho acadêmico do Grupo Mayombe, que não se restringe à sala de aula, busca formar cidadãos com espírito crítico-reflexivo e perspectivas abertas à diversidade cultural e social que constitui o povo brasileiro. Desta forma, espera-se que o encontro tenha contribuído para a construção de um olhar mais plural acerca das questões humanas, sociais e socioeconômicas, imbricando no desenvolvimento dos aspectos voltados à prática e compreensão cidadã.

Agradecemos a todas/os que possibilitaram a realização do evento: os membros do grupo Mayombe, em especial, Profa. Luciene Pereira (SEE/DF); as secretárias organizadoras, Márcia Franklin Rios e Adélia Alexandra Rodriguez; o designer artístico, Ramon Duarte; o web designer e técnico do evento, Denys Rogeres; e, principalmente, FAP/DF, instituição de fomento à pesquisa, cujo patrocínio foi fundamental para a organização e realização do evento.



Profa. Dra. Norma Diana Hamilton (UnB)

SUMÁRIO

ADELAIDE PAULA (UNB)	7
ANDERSON SILVEIRA DE FRANÇA (UNB)	7
ANNA ISABEL FREIRE (UNB)	8
BRUNA TICIANNE BATISTA (UNB)	8
CIBELE DE GUADALUPE SOUSA ARAÚJO (IFG)	9
CLÁUDIO R.V. BRAGA (UNB)	9
CRISTIANE SOBRAL	10
DAYSE RAYANE E SILVA MUNIZ (UNB)	11
DENNYS SILVA-REIS (UFAC)	11
EDVALDO BERGAMO (UNB)	12
ELENA BRUGIONI (UNICAMP)	12
ELI MENDES LARA (UNB)	13
FERNANDA ALENCAR PEREIRA (UNB)	13
GINA VIEIRA PONTE DE ALBUQUERQUE (SEE/DF)	14
ISRAEL VICTOR DE MELO (UNB)	14
KEILA MEIRELES DOS SANTOS (UFU)	15
KELLY QUIRINO (UNB)	15
LÚCIA MARIA DE ASSUNÇÃO BARBOSA (UNB)	16
LUCIANA DE MESQUITA SILVA (CEFET/RJ)	17
LUCIENE PEREIRA (SEE/DF)	17
LUÍS AUGUSTO FERRARA SARAIVA (UNB)	18
MARCELA IOCHEM (UERJ)	19
MARIA GERALDA DE MIRANDA (UNISUAM-RJ/UVA-RJ)	20
MAXSUEL PEREIRA BARBOSA (UFG)	20
NILZA GOMES DE OLIVEIRA LAICE (UNB)	21
NORMA DIANA HAMILTON (UNB)	21
REGILANE BARBOSA MACENO (UNB)	22
ROGÉRIO CANEDO (UFG)	22
ROSA ALDA SOUZA DE OLIVEIRA (UNB)	23
SAMARA LIZ SILVAMACHADO (UNB)	23
THAYZA ALVES MATOS (UNB)	24
VALERIA LIMA DE ALMEIDA (UFRJ)	24
VANESSA RIBEIRO TEIXEIRA (UFRJ)	25

ADELAIDE PAULA (UNB)

O racismo nas situações discursivas escolares e o silenciamento e exclusão da criança negra nos primeiros anos de escolarização.

RESUMO:

O escritor Olavo Bilac, em seu poema “*Língua Portuguesa*”, exalta a língua materna em que inscreve seus poemas no cânone universal. Em um dos seus versos, destaca dois aspectos inerentes dessa língua: ser “esplendor e sepultura”. Uma leitura possível dessa construção poética diria, que o esplendor de uma língua é necessariamente a sepultura de muitas outras. Não apenas sepultura, mas perpetuação semântica de ideias e conceitos utilizados para desprezar, silenciar e até mesmo aniquilar discursos. Tal concepção está presente na Língua Portuguesa, pois, mesmo que tenha nascido “inculta” e na “ganga impura”, ou seja, tenha vindo dos falantes mais simples, tornou-se instrumento da colonização, sendo utilizada para estabelecer hierarquia entre o colonizador e o/a africano/a escravizado/a. Muitas palavras inseridas no vocabulário da nossa língua têm o corpo negro como referencial daquilo que é ruim. Nesse sentido a língua seria a primeira manifestação do racismo estrutural. O racismo é uma construção discursiva e não biológica. Tal afirmação, defendida por Grada Kilomba em seu livro *Memórias da Plantação*, desloca a nossa atenção do corpo para o discurso, que constrói o corpo negro como uma diferença repulsiva. É dessa perspectiva que este ensaio analisa situações discursivas escolares, cujo enfoque, potencialmente racista, pode silenciar ou mesmo excluir crianças negras no processo inicial da sua formação acadêmica. Neste trabalho, o recorte estará voltado, sobretudo, para três aspectos: 1º) a triangulação discursiva como perpetuadora do racismo na estrutura escolar; 2º) as abordagens discursivas racistas feitas sobre o corpo da criança negra e 3º) a ausência ou inadequação de representatividade da criança negra na literatura canônica/curricular.

Palavras-chave: racismo; discurso; criança; escola

ANDERSON SILVEIRA DE FRANÇA (UNB)

Representação de um mito, preconceito e identidade em *Lueji*, o nascimento de um império

RESUMO:

A narrativa *Lueji*, o nascimento de um império, do escritor angolano Pepetela, é um romance histórico (LUCÁKS, 2011) com relevantes questões e tensionamentos políticos (PEPETELA, 2015), cujo enredo está estruturado basicamente em dois tempos que estão em constante diálogo: a Angola pré-colonial, império Lunda e a atualidade, século XX, em Luanda, onde se narra a história de duas mulheres negras, Lueji, uma rainha que vai à contramão das perspectivas patriarcais e Lu, uma bailarina que resgata o mito Lueji por meio de um bailado. No romance, é possível destacar aspectos da memória coletiva, da ancestralidade e do mito. Diante disso, este trabalho se propõe a discutir a representação da mulher negra onde a voz masculina é inflexível em um universo cuja cultura é guiada pelo sentimento patriarcalista e uma mulher, para ter espaço de fala (DALCASTAGNÈ, 2012), necessita de muita resistência para manter sua subjetividade diante dessa cultura patriarcal. Além disso, buscar-se-á analisar também a preservação do mito, por Lu, a busca das identidades de ambas personagens e a resistência que elas precisam ter, cujo preconceito contra a mulher é evidente. Por fim, é relevante pensar na obra de Pepetela, como são construídos os estereótipos em relação à mulher negra (KILOMBA, 2010) e a tensão entre um mundo ancestral e a modernidade.

Palavras-chave: mulher negra; representação de um mito; história, resistência e identidade

ANNA ISABEL FREIRE (UNB)

As estratégias narrativas em *Diário de Bitita* e em *Leite Derramado*, como mecanismo de resistência e denúncia discursiva do racismo brasileiro

RESUMO

O objetivo deste trabalho é averiguar como os narradores, nas obras “*Diário de Bitita*” (1982), de Carolina Maria de Jesus, e “*Leite Derramado*” (2009), de Chico Buarque, dão a ver as marcas do racismo estrutural na sociedade brasileira. Considera-se aqui o fato de que o processo colonial deixou rastros, como preconceito e segregações, de modo que alguns grupos sociais são expostos a violências, que são negligenciadas, uma vez que seus atos de resistências e denúncias são silenciados pelas elites hegemônicas. Tal realidade tem como resultado uma sociedade desigual e injusta que normaliza, no meio social, o racismo estrutural, ao negá-lo e ao reforçá-lo por meio do discurso. Assim, este trabalho busca estabelecer um diálogo entre obras simetricamente opostas que apresentam, de um lado, um discurso de resistência e, de outro, um discurso de violência escamoteada. Investiga-se, assim, como os mecanismos narrativos, usados pelos narradores das obras selecionadas, revelam os dois lados do racismo estrutural brasileiro por meio de violências e silenciamentos.

Palavras-chaves: racismo estrutural, segregação, resistência, representação

BRUNA TICIANNE BATISTA (UNB)

As facetas do colorismo e pigmentocracia representadas no romance *O caminho de casa* de Yaa Gyasi

RESUMO

Raça e racismo são construções sociais que acompanham a vivência de pessoas negras na maioria das sociedades contemporâneas. Entretanto, os conceitos de colorismo e pigmentocracia influenciam na forma como determinadas pessoas irão experienciar o que é ser negro. O romance *O Caminho de Casa* de Yaa Gyasi nos apresenta personagens que vivenciam a negritude em diferentes tempos e espaços. Uma de suas personagens, Willie Black, é uma mulher negra retinta e estadunidense na década de 1920, casada com um homem negro de pele clara, que tem “passabilidade” branca. Através do relacionamento entre eles, é possível observar como raça não é um conceito estático e como a quantidade de pigmentação na pele de um indivíduo afeta a sua vivência. O foco desta comunicação é entender como a racialização destas personagens e as construções sociais da época, com foco no colorismo e na pigmentocracia, impactaram suas vidas e moldaram as narrativas dentro do romance.

Palavras-chave: colorismo; pigmentocracia; raça; mulheres negras; afetividade

CIBELE DE GUADALUPE SOUSA ARAÚJO (IFG)

Out of Darkness, Shining Light: a visibilização de vozes historicamente silenciadas na obra da escritora zimbabuense Petina Gappah

RESUMO

Premiada e aclamada internacionalmente, a escritora zimbabuense Petina Gappah é autora dos romances, *Out of Darkness, Shining Light* (2019) e *The Book of Memory* (2015), e das coletâneas de contos, *Rotten Row* (2016) e *An Elegy for Easterly* (2009). Ainda sem publicação no Brasil, seus livros contam com traduções para diversos idiomas, como o alemão, o espanhol, o francês, o holandês, o japonês, entre outros. Nesta comunicação, focalizamos seu último romance, *Out of Darkness, Shining Light* (2019). Nele, a escritora distancia-se de suas tramas anteriores, em que os conflitos das personagens transcorriam-se em meio às crises contemporâneas do Zimbábue pós-independente, para voltar ao final do século XIX e preencher com vozes e perspectivas autóctones ficcionalizadas os espaços negados na narrativa histórica oficial. A partir de tais perspectivas, acompanhamos a jornada final do explorador escocês David Livingstone – a jornada de seu corpo, carregado do interior do continente até a costa africana, para que seus restos mortais pudessem ser enterrados em sua terra natal. Entre os autóctones envolvidos no traslado, ganham destaque a jovem Halima, que narra a primeira parte do romance, e Jacob Wainwright, responsável pela segunda parte da narração. Na junção dessas duas narrativas, acessamos não apenas o relato de uma marcha fúnebre épica, mas conhecemos um pouco mais sobre a exploração colonial britânica em África, a partir da percepção de figuras históricas subalternizadas e silenciadas.

Palavras-chave: literatura do Zimbábue; romance histórico pós-colonial; Petina Gappah

CLÁUDIO R.V. BRAGA (UNB)

A literatura afrodiaspórica nos Estados Unidos: mulheres moventes do Séc. XXI

RESUMO

Cada vez mais, a pesquisa acadêmica em literatura vem registrando a visibilização de narrativas produzidas por mulheres afrodiaspóricas. Nelas observo uma notória empatia com leitoras e leitores que se deve ao talento dessas escritoras em ficcionalizar as sensibilidades do movimento humano e suas consequências, impressas na alma do Século XXI. Esta palestra aborda a literatura de *Yaa Gyasi*, uma jovem representante desta geração. Seu romance de estreia é *Homegoing: a Novel* (2017), obra que ficcionaliza trajetórias diaspóricas que atravessam o tempo e o espaço, isto é, narrando a dispersão de pessoas a partir de suas terras natais para terras estrangeiras. *Homegoing: a Novel* apresenta uma historicidade ficcionalizada impressionantemente abrangente, ao narrar a história de sete gerações descendentes das irmãs Effia e Esi. Como Esi é sequestrada em sua terra e levada à força para os Estados Unidos, é lá que sua linhagem se desenvolve, ao passo que Effia permanece na África. Conforme publicamos em 2014, a definição de literatura diaspórica “evolui a partir da questão do deslocamento através do espaço, sejam espaços concretos ou abstratos, uma vez que diáspora é um conceito espacial por excelência” (BRAGA; GONÇALVES, 2014, p. 42). Sendo assim, a palestra vai destacar, dentre os aspectos estilísticos diaspóricos possíveis, e tendo o conceito de Atlântico Negro de *Paul Gilroy* (2001) como fundamentação teórica central, a peculiar arquitetura textual de *Homegoing: a Novel*, que estrutura uma genealogia diaspórica em forma de romance. Buscarei responder como *Yaa Gyasi* constrói o espaço de estruturação textual e os espaços representados em sua narrativa afrodiaspórica.

Palavras-chave: atlântico negro; espaço literário; romance afrodiaspórico

CRISTIANE SOBRAL

Eu, mulher negra: rasuras no cânone

RESUMO

O número de mulheres negras escritoras que já publicaram e conseguiram espaço no mercado editorial na história da literatura brasileira ainda não representa condignamente os 54,1% da população preta e parda segundo o último censo do IBGE. É necessário questionar a representatividade hegemônica das identidades negras na literatura nacional produzida majoritariamente por autores não negros, homens e de elite. Essa palestra pretende apresentar excertos do poemário da obra “Não vou mais lavar os pratos”, 3. ed. da atriz, escritora e professora Cristiane Sobral, que celebra 10 anos de sua primeira publicação em 2020, abordando questões da pós-colonialidade como o empoderamento de mulheres negras, resistência, direitos humanos, negritude, tradição, ruptura, violência e sororidade. Nessa publicação, o eu lírico reafirma a identidade negra, feminina e afrodiaspórica, propondo outras perspectivas de representação em textos poéticos como o emblemático “Não vou mais lavar os pratos”, assim como em “Cuidado”, “Abrúptero”, “Sonho de consumo”, “Esperança Ancestral”, “Escova progressiva” e “Ainda”. A fonte negra impressa nas páginas brancas rechaça a exclusão social e a violência doméstica por meio da proposição de caminhos de insubmissão e anunciação de silenciamentos históricos, desafiando estereótipos e paradigmas naturalizados como o alisamento capilar, a hipersexualização dos corpos negros e as trocas culturais nos cenários globalizatórios e pós-modernos. No percurso poético do livro a autora difunde e reivindica protagonismos obliterados e pontos de vista narrativos não visibilizados pelo universo colonial e escravista em um tecido literário criador de apostas estéticas e modos de inscrição e reinvenção de subjetividades em um escopo temático que resignifica a maternidade, os afetos, o cabelo e a sexualidade revelando e desvelando uma escrita insurgente e geradora de um espaço pulsante de inscrição positiva dos povos negros e descendentes de africanos.

Palavras-chave: escritoras negras; identidade feminina negra, sororidade

DAYSE RAYANE E SILVA MUNIZ (UNB)

A *internet* como espaço de enunciação em *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie

RESUMO

Em *Americanah* (2014), romance da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, conhecemos a trajetória de Ifemelu, uma mulher nigeriana que busca novas possibilidades de existência em um contexto diaspórico no solo dos Estados Unidos. Ao viver dramas que se estendem desde o racismo pungente da sociedade estadunidense até o desgaste emocional de estar deslocada geograficamente de sua terra de origem e das pessoas que ama, Ifemelu encontra novas formas de ser através da escrita. Ao se expressar no blog *Raceteenth* ou “*Observações diversas sobre negros americanos (antigamente conhecidos como crioulos) feitas por uma negra não americana*”, Ifemelu se apodera de uma voz que ressignifica o seu espaço como mulher, negra e imigrante. Deslocando o poder do discurso e ocupando um novo espaço de enunciação, a protagonista se usa do blog para fazer reflexões pertinentes sobre raça, gênero, transição capilar, entre outros temas, o que a permite ser ouvida e respeitada como uma produtora de conhecimentos. A perspicácia de Ifemelu em suas ponderações, intercaladas pela voz narrativa com as situações vividas no dia-a-dia da protagonista e de Obinze (seu amor de infância), é de grande relevância também na arquitetura do romance, provocando reflexões acerca da metalinguagem e o valor estético de obras que abordam agendas políticas como os feminismos, o racismo e as diásporas.

Palavras-chave: *Americanah*; espaço de enunciação; metalinguagem; internet

DENNYS SILVA-REIS (UFAC)

Reler *Je suis Martiniquaise* de Mayotte Capécia: colonialidade, falocentrismo e dizimação literária

RESUMO

Mayotte Capécia (1916- 1955), autora martiniquense de expressão francesa, é lembrada costumeiramente a partir da crítica de Frantz Fanon ao romance *Je suis Martiniquaise* (1948). Por conseguinte, Capécia é uma das autoras menos estudadas na literatura contemporânea de expressão francesa devido ao fato de a crítica negativa fanoniana ter, desde então, sido tomada como verdade absoluta. Com base nesta constatação, o presente trabalho, apoiando-se sobre o escopo da Crítica Genética, da Crítica Feminista e dos Estudos Decoloniais, visa a revisitar os pressupostos do psiquiatra e ensaísta antilhano e elucidar uma nova visão sobre a obra literária da autora. Para isso, discutir-se-á a relação de colonianidade de gênero e falocentrismo por trás da difusão da obra capeciana e sua consequente dizimação literária. Espera-se, partindo de uma análise genética do texto e também de uma exploração sociológica de sua fortuna crítica, explicar fenômenos como: sua não-tradução em língua portuguesa, seu desconhecimento na cultura fonte e a ausência de pesquisas sobre *Je suis Martiniquaise* entre os analistas literários antirracistas e feministas.

Palavras-chave: colonialidade; Mayotte Capécia; Martinica

EDVALDO BERGAMO (UNB)

Pacavira e Agualusa: uma rainha angolana no romance histórico da colonização

RESUMO

O romance histórico é uma forma literária de cerca de duzentos anos, com ampla repercussão crítica nas literaturas centrais e periféricas. Há um consenso de que tal conformação narrativa foi criada pelo escritor escocês Walter Scott, no início do século XIX, em decorrência direta do romance social inglês do século XVIII, dos efeitos da era conturbada das revoluções e dos novos horizontes estéticos advindos com a ascensão definitiva do gênero romance no Ocidente. Tal forma literária esteve em evidência nos últimos séculos, com maior ou menor projeção cultural, a depender de situações conjunturais específicas das nações observadas e seus respectivos sistemas literários. Destarte, esta comunicação tem por objetivo analisar comparativamente as narrativas de extração histórica *Nzinga Mbamdi* (1975), de Manuel Pedro Pacavira (1939-2016), e *A rainha Ginga* (2014) de José Eduardo Agualusa (1960), obras significativas de escritores angolanos que focalizam a representação histórica e literária controversa de uma soberana africana extraordinária e notável, cujas estratégias narratológicas exibem relevantes questões identitárias atinentes à colonização e à descolonização, à formação nacional, à multiplicidade cultural e étnica de Angola, um país subsaariano do continente negro, entre a resistência e a submissão, entre a insubordinação e a transformação.

Palavras-chave: romance histórico da colonização; rainha Ginga; Pacavira; Agualusa; formação nacional angolana

ELENA BRUGIONI (UNICAMP)

Comparativismo Combinado e Desigual. Repensar o campo dos estudos literários africanos à luz do debate sobre literatura-mundial

RESUMO

Nesta comunicação pretende-se apresentar algumas das diretrizes crítico-teóricas que pautam o Projeto de Pesquisa Comparativismo Combinado e Desigual. Repensar o campo dos estudos literários africanos à luz do debate sobre literatura-mundial que me encontro a desenvolver no Centro de Pesquisa Kaliban (CNPq/UNICAMP) e submetido para financiamento à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP (REF. 2020/07836-0). O Projeto se situa no campo dos estudos literários sobre romance africano contemporâneo e de teoria literária pós-colonial a serem entendidos como campos de estudos contíguos e em crescente afirmação no contexto acadêmico brasileiro e global. A partir de um mapeamento dos paradigmas críticos produzidos no âmbito dos estudos pós-coloniais com particular enfoque nos recentes desdobramentos que pautam o debate sobre literatura-mundial (WREC, 2015 e 2020), o Projeto se debruça sobre um corpus de autores africanos contemporâneos consagrados com vista à consolidação de uma categoria crítica inédita correspondente à noção de romance africano (semi) periférico a ser entendido como forma literária paradigmática para o estabelecimento de um novo campo de estudo que corresponde à definição de Literaturas Africanas Comparadas.

Palavras-chaves: literaturas africanas comparadas, literatura-mundial, teoria pós-colonial

ELI MENDES LARA (UNB)

Ficção e memória em contos de Ba Ka Khosa

RESUMO

Esta comunicação apresenta o livro de contos *Ualalapi*, de Ungulani Ba Ka Khosa (2013), composto de seis contos com personagens diferentes, mas que convergem para os relatos do rei dos ngunis. Os diferentes textos sugerem a leitura e a análise acerca do personagem histórico Ngungunhane, visto em múltiplas interpretações pelo narrador, revelando a questão do domínio de poder à resistência. A necessidade do escritor moçambicano se sentir inserido em sua história, como agente construtor da consciência, fez com que Ba Ka Khosa buscasse o caminho da estruturação da identidade local. O autor constrói o personagem histórico de viés mitológico e dotado de traços de realismo mágico, bem como entrelaça ficção e história sobre o último imperador de Gaza. A exegese literária será realizada a partir da crítica dos países de língua oficial portuguesa, tendo em vista os impasses da colonização, conforme a metodologia proposta de leituras da estudiosa Grada Kilomba (2019), que atende à crítica sobre colonização e racismo de forma interdisciplinar. Ana Lúcia Rabecchi (2011) ressalta a fortuna crítica a partir do contexto de Moçambique. Maria Fernanda Afonso (2004) analisa a narrativa do conto destacando identidade e representação. Ambas contemplariam as referências teóricas dos países que tiveram ligações históricas entre si.

Palavras-chave: história e memória; Ba Ka Khosa; contos; ficção; memória

FERNANDA ALENCAR PEREIRA (UNB)

Corpos que se encontra(ra)m no futuro e além: Nalo Hopkinson

RESUMO

Considerada uma visionária do afrofuturismo (Enteen, 2007), Nalo Hopkinson, nascida na Jamaica, ultrapassa os binarismos do mundo organizado ocidental, criando narrativas futuristas embasadas no folclore caribenho. Em sua coletânea de contos *Skin Folk* (2001), compõe poderosos universos especulativos que vislumbram realidades possíveis que passeiam entre o fantástico, a ficção científica e mesmo o terror. Vamos aqui tratar de aspectos específicos do conto *A Habito of Waste*, examinando as conexões entre corpo, identidades e o desperdício de vida fomentado pela ordem capitalista.

Palavras-chaves: Nalo Hopkinson, afrofuturismo, binarismos

GINA VIEIRA PONTE DE ALBUQUERQUE (SEE/DF)

O protagonismo dos textos de autoria negra no Programa Mulheres Inspiradoras

RESUMO

A explanação tem por objetivo apresentar e discutir o protagonismo e a agência dos textos a partir de uma pesquisa desenvolvida junto a docentes da escola pública de quatro regiões administrativas diferentes do Distrito Federal. A pesquisa focalizou as ações relacionadas ao Programa Mulheres Inspiradoras, um programa que propõe a leitura e a escrita de textos de mulheres, com enfoque especial à leitura de produções de mulheres negras, como proposta pedagógica para a promoção da educação em e para os direitos humanos e como política educacional de valorização de mulheres. O programa trabalha com a proposta de letramentos críticos e de escrita autoral e privilegia o protagonismo dos estudantes e as metodologias alinhadas à Pedagogia Crítica e à Pedagogia Transgressiva de Projeto (HERNANDES, 1998). A pesquisa foi desenvolvida com professores e professoras de nove escolas públicas. As discussões teóricas propostas foram feitas à luz da Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 1992, 2003, CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999), da Pedagogia Crítica (GIROUX, 1997, HOOKS, 2013 e FREIRE, 2018) e do Protagonismo da linguagem e dos textos como agentes (MAGALHÃES, 2017). A metodologia adotada na realização da pesquisa foi a pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico-crítico, na perspectiva da pesquisa-ação colaborativa. (DENZIN e LINCOLN; 2006; MAGALHÃES, MARTINS e RESENDE, 2017).

Palavras-chaves: programa mulheres inspiradoras; protagonismo dos textos; análise de discurso crítica

ISRAEL VICTOR DE MELO (UNB)

Jean-Joseph Rabearivelo e as narrativas em torno da colonização

RESUMO

No contexto dos sistemas literários africanos, o gênero romance passou a figurar, quase que restritamente após a segunda metade do século XX, as circunstâncias, os modos e as práticas das sociedades africanas (MONGO-MBOUSSA, 2002; KESTELOOT, 2001), de modo a problematizar as modalidades de dominação social empreendidas pelos Impérios coloniais europeus. Dentre outros gêneros e formas literárias, a poesia pode, por sua vez, ser encarada como um terreno de profusão cuja materialidade tem por elementos as (mesmas) circunstâncias, os (mesmos) modos e as (mesmas) práticas sociais engendradas no romance. Tratando-se da formação dos sistemas literários africanos, a poesia pode ser definida, inclusive, como um dos gêneros mais próximos das *práxis* sociais orais, as quais se configuram como matriciais ao conjunto de relações epistemológicas e culturais africanas (BRUGIONI, 2019). O poeta, romancista e dramaturgo malgaxe Jean-Joseph Rabearivelo (1901-1937) viria a constituir – juntamente a Thomas Mofolo, Léopold Sédar Senghor, Aimé Césaire, Léon-Gontran Damas, Birago Diop e Chinua Achebe – um dos primeiros grupos de escritores africanos proeminentes, publicando inicialmente a antologia *La Coupe de cendres* (1924). Avaliamos, nessa comunicação, a sua produção sob o prisma analítico de elementos contrapontísticos e comparados no que diz respeito aos processos sociais de dominação colonial em Madagascar, e por extensão, relacioná-los aos demais processos ocorridos nos contornos do Oceano Índico (*Indian Ocean Studies*) e, evidentemente, aproximá-los aos contextos hodiernos.

Palavras-chave: literatura e poesia malgaxes; Jean-Joseph Rabearivelo; estudos do Oceano Índico; *Indian Ocean Studies*

KEILA MEIRELES DOS SANTOS (UFU)

Amor como Justiça Social às Mulheres Negras Adolescentes

RESUMO

Pensa o amor como política de autodefinição das adolescentes negras; reflete o lugar de fala, o ponto de vista das mulheres negras que experienciam, assimilam, escrevem, discursam acerca das nossas condições de vida; problematiza as múltiplas formas as quais experienciamos o amor: no seio familiar, nas comunidades escolares, de vizinhança, do trabalho - por exemplo e, sobretudo, nas parcerias afetivo-sexuais como o namoro, a prática do ficar e o casamento. Além disso, pontua os reflexos, prejuízos sociorraciais das imagens de controle fragilizantes que, de maneira incisiva, interferem no poder de autodefinição, autovalorização e autonomia das mulheres negras já na adolescência. À luz da literatura das escritoras negras, evidencia os efeitos da imposição de um imaginário distorcido de controle sobre as mulheres negras (Kaplan, 1975; hooks, 2000; COLLINS, 2019), dentre os quais: a maior incidência de gravidez precoce, o risco de contágio de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST/HIV/AIDS), bem como a impossibilidade de experienciar potencialidades e definir propósitos de vida.

Palavras-chave: adolescente negra; mulher negra; amor; afetividade negra; parceiro afetivo-sexual

KELLY QUIRINO (UNB)

Black Lives Matter: o jornalismo como aliado para a valorização das vidas negras

RESUMO

A proposta deste artigo é analisar como o trabalho realizado pelo Portal de Notícias Ponte Jornalismo é um exemplo onde o conceito de interseccionalidade de Crenshaw (1993) pode ser aplicado na práxis jornalística valorizando as vidas negras e denunciando a violência do Estado contra os corpos negros. O portal surgiu no ano de 2014 e desde então tem trabalhado com temas como raça, gênero e direitos humanos. Em um ano em que a morte de George Floyd reacendeu, em âmbito mundial, o debate sobre racismo e a violência policial contra os corpos negros, a Ponte se torna uma referência ao se fazer um jornalismo plural, com respeito as diferenças e principalmente dando visibilidade ao movimento *Black Lives Matter* que existe no Brasil, mas que os jornais *mainstream* se recusam a abordar, devido ao racismo institucional. O movimento *Black Lives Matter* surge em 2013 por meio de três ativistas negras – Alicia Garza, Patrisse Cullors e Opal Tometi - que começam a fazer ações nas redes sociais contra a violência policial que vitimiza as pessoas negras nos Estados Unidos. As organizadoras definem o movimento como uma intervenção política e ideológica em qualquer lugar no mundo onde as vidas negras são sistematicamente violentadas. É dentro desta perspectiva, que práticas jornalísticas interseccionais, que deem visibilidade a violência do Estado e valorize o *Black Lives Matter* precisam ser construídas para mobilizar toda a sociedade a respeitarem e valorizarem os corpos negros.

Palavras-chaves: jornalismo; Black lives matter; ponte jornalismo; interseccionalidade, racismo

LÚCIA MARIA DE ASSUNÇÃO BARBOSA (UNB)

Português como Língua de Acolhimento: extensões e contradições sob a perspectiva da superdiversidade, interseccionalidades e relações raciais

RESUMO

Não é novidade o fato de que o ensino de Português para falantes de outras línguas (PFOL) vem ganhando destaque e visibilidade no contexto brasileiro. No Distrito Federal, a presença de representações diplomáticas de vários países garante, há muito tempo, um espaço - que não pode ser negligenciado - a essa prática. Mais recentemente, a cidade tem recebido imigrantes e refugiados, solicitantes de refúgio de diferentes nacionalidades que, dentre outras demandas, reivindicam formação linguístico-cultural com o objetivo de tornar menos árida sua inserção em diferentes setores da cidade. Partindo dessa realidade e expectativa, minha proposta é apresentar algumas especificidades, significados e complexidades relacionadas ao ensino e à aprendizagem da Língua Portuguesa no âmbito da imigração contemporânea. As discussões estarão ancoradas nas práticas e nos dados provenientes do Projeto de Pesquisa “PROA-COLHER: Português Língua de Acolhimento”, coordenado por mim desde 2013. Meu objetivo é estabelecer diálogos entre os conceitos de Língua de Acolhimento (Barbosa, São Bernardo 2017), superdiversidade (Vertovec, 2007), interseccionalidade (Crenshaw, 2002) e reexistência (Souza, 2002), dentre outros. Essa aproximação conceptual busca compreender as experiências de imigrantes e refugiados(as) negros(as), residentes no Distrito Federal e entorno. Parto do princípio de que o conhecimento (ou não) da língua portuguesa nem sempre será – diferentemente do que vimos defendendo - uma garantia para o acesso/inserção em atividades laborais ou formativas. Esse aspecto, segundo estudos efetuados por Castellotti, Huver e Leconte,(2017), pode ser uma forma de disfarçar (ou ocultar) outras realidades silenciadas e socioculturalmente marcadas nesse novo contexto. Pretendo discutir de que maneira algumas particularidades - como o fato de serem plurilíngues - despertam pouco interesse e não são tomadas como fatores positivos e importantes que podem, no mínimo, facilitar a chegada a essa nova/outra língua-cultura que se pretende acolhedora e eficaz.

Palavras-chave: português língua de acolhimento; migração e refúgio; relações étnico-raciais

LUCIANA DE MESQUITA SILVA (CEFET/RJ)

“Agora que serei a protagonista”: representações negro-femininas na literatura de Cristiane Sobral

RESUMO:

Historicamente, a mulher negra tem sido representada no âmbito da literatura brasileira a partir de estereótipos negativos que a distanciam de perfis como “musa”, “heroína”, “romântica” e “mãe” (EVARISTO, 2009). Em contraposição a esse cenário, escritoras negro-brasileiras têm contribuído, por meio de suas obras, para a construção de novas identidades para a mulher negra. Nesse sentido, esta comunicação tem como objetivo abordar a produção literária negro-feminina brasileira com foco na escrita de Cristiane Sobral. Entre suas publicações encontram-se: *Não vou mais lavar os pratos* (2010), *Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção* (2011), *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz* (2014), *O tapete voador* (2016) e *Terra negra* (2017). Para tanto, serão feitas análises de poemas e contos da referida autora para verificar de que modo são elaboradas imagens da mulher negra a partir de uma perspectiva contra-hegemônica e antirracista. Além disso, será proposta uma breve discussão sobre possíveis desafios para a tradução em inglês da escrita de Sobral, especialmente no que diz respeito a questões étnico-raciais e ao uso do gênero feminino. A fundamentação teórica do presente trabalho será composta dos pensamentos de Bassnett & Lefevere (1990), Cuti (2010), Alves (2010), Dalcastagnè (2012), Carrascosa (2017), Ribeiro (2017), Kilomba (2019), entre outros.

Palavras-chave: literatura negro-brasileira; Cristiane Sobral; mulher negra; construção de imagens

LUCIENE PEREIRA (SEE/DF)

Se bem me lembro: a escrevivência de Conceição Evaristo, ou como ensinar memórias literárias na educação básica

RESUMO

O artigo apresenta um percurso didático e pedagógico para professores da Educação Básica explorarem as especificidades do gênero memórias literárias, por meio do trabalho com os contos da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo reunidos em *Olhos D'Água*. O objetivo deste trabalho consiste em estimular boas práticas junto aos profissionais de ensino e futuros professores, demonstrando a importância de ensinar a literatura afro-brasileira a crianças e adolescentes, com a finalidade de levar os estudantes a se apropriarem de recursos de produção textual no gênero em foco, levando em conta sua prática social inicial, sua vivência, o lugar onde vivem e o impacto da escrevivência na promoção de uma educação libertadora. A metodologia utilizada é a Pedagogia Histórico-Crítica, de Dermeval Saviani, que fundamenta o currículo da rede pública de ensino, no Distrito Federal. Este trabalho apresenta resultados positivos alcançados pela aplicação deste percurso didático e pedagógico, por parte da autora, sobretudo no que diz respeito à sua participação na Olimpíada de Língua Portuguesa do ano de 2019, em que foi finalista.

Palavras-chave: pedagogia histórico-crítica; escrevivência; literatura afro-brasileira; educação básica.

LUÍS AUGUSTO FERRARA SARAIVA (UNB)

Das Filosofias Africanas À Literatura Afro-Diáspórica: A Necropolítica Em Um País Sem Chapéu

RESUMO

O objetivo desse trabalho visa a aproximação dos diálogos entre a Literatura Afro-diaspórica de língua francesa com as Filosofias Africanas tendo a finalidade de poder refletir a partir das metáforas que a linguagem apresenta, neste caso; a literatura. Apresentamos a literatura afro-diaspórica através das teorias literárias como um caminho que permite a reflexão filosófica acerca da subjetividade negra. Assim, partimos da correlação que possa haver entre descrição da realidade do Haiti após anos de conflito apresentada em metáforas por Laferrière em *O País sem chapéu* e o conceito de de Necropolítica desenvolvido por Achille Mbembe. A leitura de *O País sem chapéu* é uma leitura convidativa a refletir sobre as outras narrativas que acompanham as reflexões a Necropolítica e o *Devir-negro* de Mbembe. A contribuição que quero fazer se compreende entre a perspectiva filosófica e literária do qual por meio da estética e da arte e das leituras imagéticas das metáforas da realidade possa ser possível abrir chaves interpretativas sobre a condição do ser-negro no mundo. Mbembe aponta que a condição humana do negro está reduzida a uma idealização de seu espectro, fantasma, que o demarca na cor sua potencialidade, onde a ideia do sujeito moderno e por conseguinte o Estado moderno é uma invenção racista, sendo o racismo fruto colonial do *ethos* europeu, tendo como consequência a configuração peculiar da cultura colonial que atrelada a modernidade é a ideia do estado de natureza como ponto de partida do curso civilizatório cuja culminação é a civilização europeia e branca.

Palavras-Chave: Filosofias Africanas. Literatura Afro-Diaspórica. Necropolítica. Racismo. Pensamento Negro

MARCELA IOCHEM (UERJ)

A escriturivência afrodiaspórica de Conceição Evaristo em tradução: luta, resistência, subversão

RESUMO

Após alcançar considerável visibilidade no exterior através das traduções de suas obras, Conceição Evaristo vem sendo recentemente apontada por alguns no Brasil como “a voz da mulher negra na literatura brasileira contemporânea” (Dunder, 2019). Embora em nosso país a trajetória da escritora não tenha alcançado reconhecimento de mérito durante décadas de produção literária, após a repercussão da acolhida de sua obra em países como França e Estados Unidos, Evaristo vem alcançando visibilidade frequentando, cada vez mais, espaços reservados a escritores canônicos e de prestígio publicados por grandes editoras. Sua candidatura à Academia Brasileira de Letras - ainda pouco ocupada por mulheres e nunca por mulheres negras, gerou grande comoção pública através da campanha Conceição Evaristo na ABL. O prêmio Jabuti recebido em 2015 e a homenagem recebida pela mesma premiação em 2019 colocam Evaristo em posição de certa visibilidade na literatura brasileira. Além de inúmeros outros prêmios e da já consolidada presença na academia no Brasil e no exterior, Evaristo tem ainda conquistado considerável espaço na mídia, participando, inclusive, de novela global em 2020. Porém, mesmo que o cenário seja aparentemente favorável, não podemos deixar de lembrar que a obra de Evaristo tem sido publicada por pequenas editoras, de segmentos bastante específicos e que, por essa razão, acaba por não alcançar grande circulação. Não podemos deixar de considerar ainda que, na literatura brasileira, não apenas a mulher negra é historicamente representada de forma estereotipada e/ou objetificada, mas também a sua produção literária esbarra em muitas barreiras que dificultam ou até mesmo impossibilitam a sua publicação e (re)conhecimento. Fortemente marcada por seu lugar de fala, a literatura de Evaristo surge na contramão de discursos hegemônicos, racistas e falocêntricos, como forma de questioná-los e subvertê-los. Sua escriturivência não só denuncia as múltiplas camadas de opressão enfrentadas por mulheres negras na sociedade brasileira, mas também evidencia esse espaço de luta, resistência e subversão. Dessa maneira, a presente fala pretende trazer algumas questões relacionadas à escriturivência afro-diaspórica de Conceição Evaristo, com especial atenção para questões relacionadas à tradução e à recepção de sua obra no exterior.

Palavras-chave: escriturivência; Conceição Evaristo; tradução

MARIA GERALDA DE MIRANDA (UNISUAM-RJ/UVA-RJ)

Do griot ao cinema: maneiras de contar histórias em Áfricas

RESUMO

Vários estudiosos já observaram que o cinema ao longo de sua história tem se caracterizado como uma experiência não apenas estética, mas, sobretudo, política. O cinema africano, por seu turno, tem buscado o seu espaço e identidade cultural, o que deve ser procurado além dos limites das fronteiras fictícias herdadas da colonização, que definem os contornos dos Estados modernos da África. Muitos filmes buscam inspiração em um passado pré-colonial, numa época sem países e fronteiras. A busca por esse passado pré-colonial, bastante longínquo só é possível, graças à manutenção de importantes tradições como a cultura oral. Tais tradições ao serem representadas nos filmes carregam várias linhas de força, algumas recriam a própria oralidade e sua estética peculiar de contar histórias, outras possibilitam críticas severas à colonização e à consequente subalternização da cultura dos africanos; outros centram suas críticas aos representantes dos estados implantados após o final da colonização, e ainda outros (mais contemporâneos) criticam tradições que impactam negativamente na vida, sobretudo das mulheres na contemporaneidade. Este estudo, que é produto de pesquisa desenvolvida junto à universidade de Lisboa, busca refletir sobre o cinema realizado em países africanos, não apenas nos de Língua Portuguesa, com foco no modo pelo qual os diretores têm narrativizado histórias, e indaga se amaneira de contar/representar desses realizadores têm se constituído em novas estéticas e novas maneiras de conceber o mundo. Tomado como metáfora, os *griots* modernos dos países africanos são os cineastas, “*griots tecnológicos*”, que contam histórias por meio de suas câmeras.

Palavras-chave: cinema africano; cultura oral; griot; indústria cultural

MAXSUEL PEREIRA BARBOSA (UFG)

Natureza, pauperização e fatalidade à luz do existencialismo no conto Procurando um Deus da Chuva e no romance biográfico O menino que descobriu o vento

RESUMO

Pensar a natureza enquanto provedora da seca, requer trazer a história factual para o contexto literário, utilizando a perspectiva filosófica para buscar entender a natureza enquanto força fatal. Assim, esta reflexão objetiva entender como se dá a temática da fome no conto *Procurando um Deus da chuva*, de Bessie Head e no romance biográfico *O menino que descobriu o vento*, de William Kamkwamba e Bryan Mealer. Com esse intuito, fundamentamos nossa análise na corrente existencialista a partir de Kierkegaard (1979) e Sartre (1973). Esta reflexão tem como problema: como as narrativas lidam com a força da natureza e a ausência do poder institucionalizado em ambas as obras? Desse modo, por meio dessa análise comparativa, conclui-se que em ambas as narrativas, o Estado negligência os direitos básicos de sobrevivência das populações de Botswana e Malawi, seja sucumbindo a seca, seja encontrando meios de subsistência.

Palavras-chave: literatura africana; natureza; fome; existencialismo; fatalidade

NILZA GOMES DE OLIVEIRA LAICE (UNB)

A interseccionalidade na construção da heroína típica no romance *Neighbours*, de Lília Momplé

RESUMO

No romance “*Neighbours*”, de Lília Momplé, propõe-se analisar a interseccionalidade na construção da personagem Mena, e perceber como a autora permeia o diálogo entre classe, gênero e raça, permitindo a construção de uma heroína típica, dentro do sistema histórico social moçambicano, nos idos de 1985, durante a guerra civil, sob o pano de fundo do *apartheid*. A análise será feita com base na perspectiva de George Lukács sobre o romance histórico, e os pressupostos teóricos das teorias feministas, a partir de Patricia Collins, de modo a refletir no poder da autodefinição como meio de concepção histórica.

Palavras Chaves: romance histórico; heroína típica; interseccionalidade; Lília Momplé

NORMA DIANA HAMILTON (UNB)

A tradução de questões afetivas e adolescentes negras em “A Cor Púrpura” de Alice Walker

RESUMO

O objetivo desse trabalho é refletir sobre a forma pela qual é afetado o processo de crescimento da população infanto-juvenil em sociedades patriarcais racistas, com enfoque na representação narrativa e a tradução desta no Brasil, em relação à situação vulnerável de meninas negras em “A Cor Púrpura” da escritora afro-estadunidense Alice Walker. A tradição literária feminina negra, que se desenvolve a partir dos 1970 nos EUA e também no Brasil tem sido fundamental para a visibilização – por meio da ficcionalização de experiências reais - dos abusos físico e psicoemocional que sofrem crianças e jovens negras sem amparo em seus contextos sociais opressores. A protagonista Celie em “A Cor Púrpura” sofre o abuso físico e sexual rotineiramente, assim como a solidão aguda, em seu contexto familiar, antes de conseguir se libertar desse contexto, uma libertação e transcendência a uma reexistência vitoriosa que, infelizmente, não é alcançada por muitas em semelhante situação. Desse modo, pretende-se discutir questões afetivas e mulheres negras adolescentes a partir da perspectiva desse romance, em diálogo com outras narrativas produzidas por escritoras negras. As minhas reflexões se alicerçam nas teorias sociais de intelectuais negras como Kimberlé Crenshaw, Patricia Hill-Collins, Bell Hooks, Grada Kilomba, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Djamilá Ribeiro, dentre outros.

Palavras-chave: questões afetivas; população infanto-juvenil; autoria feminina negra; tradução; visibilização

REGILANE BARBOSA MACENO (UNB)

O negro em *O batizado* e *Gritaram-me negra*: ecos ocultos de um albatroz

RESUMO:

Atualmente, a definição de raça é principalmente uma classificação de ordem social, em que a cor da pele e a origem social dos indivíduos ganham sentidos, valores e significados distintos, a depender da cultura racista em que se está inserido. A necessidade inerente ao ser humano de descrever o “Outro” surge do contato entre grupos diferentes. Entretanto, essa classificação traz resultados negativos, pois, na maioria das vezes, os termos empregados são tomados pejorativamente. Geralmente, as diferenças apontadas e que embasam o preconceito, os conceitos deturpados, referem-se, sobretudo, à pigmentação da pele, à conformação facial e cranial e, em muitas culturas, à genética. Assim, por apresentar um caráter controverso, o conceito de raça tem sido bastante questionado na contemporaneidade, uma vez que há um impacto considerável na identidade do sujeito. Dessa forma, esse estudo se propõe a analisar como a questão da raça é discutida no conto “O batizado”, de Cuti e na canção-poema “Gritaram-me negra”, de Victória Santa Cruz, destacando a tomada de consciência do personagem central do conto e do eu lírico da canção-poema, apontando ainda como esses ‘gritos’ ainda precisam ser ouvidos. Para tanto, buscaremos ancoragem nos pressupostos teóricos de Fanon (2008), Appiah (1997), Mbembe (2013), Hall (2006), entre outros que se fizerem necessários.

Palavras-chave: racismo; identidade; literatura; Luis Cuti; Victória Santa Cruz

ROGÉRIO CANEDO (UFG)

A produção do romance africano em língua portuguesa: sob a urgência da história

RESUMO

Com base fundamentalmente na conceituação teórica do romance histórico de György Lukács (2011) e nas considerações críticas de Hayden White (1991) e Walter Mignolo (2001), acerca do diálogo entre história e literatura, elegemos como *corpus* de análise um grupo de romances africanos confeccionados em língua portuguesa. Em particular, nos interessa a produção desse gênero literário em emergência entre os anos de 1964 e 2002. O mencionado recorte histórico coincide com eventos de essencial importância para a independência e a consolidação – ou a contestação dela – da autonomia das ex-colônias portuguesas nas terras subsaarianas. Trata-se de um conjunto de obras que dão a ver períodos, personalidades, episódios controversos de um momento histórico de grande influência coletiva e de enorme envergadura social, econômica e política, o que demonstra como o movimento da história pode ser problematizado e reavivado pelos caminhos complexos e contraditórios da literatura.

Palavras-chave: romance africano em língua portuguesa; literatura e história; romance histórico

ROSA ALDA SOUZA DE OLIVEIRA (UNB)

Itinerâncias: a figuração do espaço nacional decadente em *A Geração da utopia* e *O esplendor de Portugal*

RESUMO

A intensa movimentação social que marca o mundo contemporâneo, mais que expressar o desenraizamento, o deslocar geográfico, ou a dinâmica capitalista e globalizada, indica novas formas de examinar e de considerar o espaço nacional. Partindo da ideia de que o espaço é resultado de relações sociais formado pelos vínculos estabelecidos entre o homem em diversos tempos e lugares, este artigo tem como intento, observar como a figuração da nação nas obras de Pepetela e Lobo Antunes dão a ver um espaço decadente. Diante disso, com vista a confirmar a relação existente entre a história e a literatura das sociedades representadas por esses autores, *A geração da utopia* e *O esplendor de Portugal* são vistas aqui como narrativas em que Luanda e Lisboa mais que serem cenários dos enredos, podem ser vistas como espaços determinantes para a movimentação tanto da história, quanto da identidade dessas respectivas sociedades. Assim, no itinerário percorrido pelas personagens, observaremos, além dos conflitos e dilemas advindos dos deslocamentos a interferência desses na configuração da identidade e do espaço nacional.

Palavras-chave: itinerâncias; nação; espaço; *A geração da utopia*; *O esplendor de Portugal*

SAMARA LIZ SILVA MACHADO (UNB)

A relação entre os tempos no filme *A origem* (2013)

RESUMO

O presente trabalho objetiva um estudo da relação entre os tempos presente, passado e futuro no filme *A Origem* (2013). Neste estudo, também, pretendemos analisar o papel dos sonhos e sua ligação com o futuro. Para isso, foi necessário um levantamento teórico acerca dos recursos usados pelo filme para demonstrar essa ligação. Dessa maneira, fizemos pesquisas acerca dos recursos cinematográficos, com a finalidade de identificar a função desempenhada por eles na película. Esse levantamento possibilitou a análise dos elementos da narrativa cinematográfica, por meio dos quais foi possível verificar a relação temporal vivenciada pelos personagens. Com isso, utilizamos teóricos como Minois (2006) e Marcel Martin (2013) que embasaram a pesquisa.

Palavras-chave: tempo; elementos cinematográficos; *A origem*

THAYZA ALVES MATOS (UNB)

Escrever sobre arte também é arte: *TheDevilfindswork* e a poética de James Baldwin

RESUMO

Compreender a natureza humana, buscando sua suposta essência e ponderar como se desenvolveu, tem sido o objetivo de estudos e reflexões de pensadores desde a antiguidade. Na tentativa de entender as nuances do pensamento humano, as noções de indivíduo e sujeito ganharam contornos diferentes ao longo da história, tentando responder às preocupações originadas em cada um de seus períodos. Uma das formas de se refletir sobre o local que esse sujeito ocupa e como se desenvolve é por meio da manifestação artística. *TheDevilFindsWork* é um ensaio sobre cinema escrito por James Baldwin e publicado em 1976. O ensaio se apresenta como uma obra que sobrepõe memórias, relata a experiência do autor com o cinema estadunidense ao mesmo tempo que estrutura uma crítica ao racismo perpetrado pela indústria estadunidense. Ao escrever sobre a sétima arte, Baldwin produz sua própria forma artística, utilizando de uma linha narrativa que se aproxima daquela usada por trabalhos ficcionais para conduzir seu leitor pelos caminhos do cinema e da memória. Abrindo diálogo com o conceito de existencialismo negro, buscaremos estabelecer formas que permitam refletir sobre a construção do sujeito negro, lançando mão de trabalhos de autores como Hannah Arendt, Michel Foucault, Achille Mbembe e W.E.B Du Bois.

Palavras-chave: sujeito; cinema; filosofia; negritude

VALERIA LIMA DE ALMEIDA (UFRJ)

O corpo negro tradutor: reinvenção e memória de África no Brasil

RESUMO

Quando os povos africanos atravessaram o Atlântico, escravizados, sofreram um violento processo de apagamento de diversos elementos culturais, sobretudo os materiais. A única coisa que lhes foi permitido trazer foi o corpo – e, mesmo assim, com sua força usurpada para atender à engrenagem econômica colonial. Entretanto, estes povos traduziram África – ou melhor, Áfricas – a partir de seus corpos, com memórias ancestrais, ainda que fragmentadas, as quais foram conjugadas à reinvenção daquilo que foi destruído pelo epistemicídio colonial. Falar de tradução, neste contexto, refere-se a um processo de leitura e escrita do mundo e da sociedade colonial a partir do ponto de vista dos povos africanos trazidos ao Brasil, com um enfoque intersemiótico, de fundamentos epistemológicos plurais, posto que de diferentes povos, porém unidos pela experiência comum de sofrimento, e também engendrados a partir de inter-relações entre Europa, África e as Américas. Este trabalho visa discutir como podemos pensar a experiência afrodiáspórica como ato de tradução, conjugando processos de reexistência e memória dos povos africanos no Brasil. Estes processos constituem-se em matrizes epistemológicas do pensamento afro-brasileiro, o qual, rompendo dinâmicas de silenciamento históricas, incorpora saberes múltiplos, desloca o lugar das pessoas negras como objeto e as torna sujeitos de suas próprias narrativas. Assim, não apenas a experiência afrodiáspórica traduziu diferentes Áfricas em contextos brasileiros, como também fundamentou o pensamento antirracista, tendo como base epistemes ancestrais.

Palavras-chave: tradução; memória; epistemologia; diáspora; pensamento afro-brasileiro

VANESSA RIBEIRO TEIXEIRA (UFRJ)

Ungulani Ba Ka Khosa e os pequenos corpos violados pela história

RESUMO

Francisco Esaú Cossa, ou Ungulani Ba Ka Khosa (epíteto de origem *tsonga*), é um dos principais autores da literatura contemporânea em Moçambique. Responsável por uma instigante produção ficcional, que engloba desde a pesquisa e a reconstrução histórica até a crítica incisiva da realidade dos dias atuais, Ba Ka Khosa pode ser reconhecido como um dos mais coerentes pensadores da sociedade moçambicana. A partir de eixos norteadores recorrentes em suas obras - a saber: a história, a memória, a violência e o poder -, pretendemos investigar a configuração das infâncias moçambicanas a partir da análise comparativa entre o livro de contos *Histórias de Amor e Espanto* (1999) e o romance *Os sobreviventes da noite* (2008). Interessa-nos pensar, especialmente, como essas personagens infantis são vitimadas e aviltadas pelo rolo compressor da História, que transforma pioneiros questionadores e esperançosos - veja-se o conto “Construção”, de *Histórias de Amor e Espanto* - em soldados, e soldados em bestas feras, tal como acompanhamos ao longo da escrita de *Os sobreviventes da noite*. A primeira obra aqui mencionada, ambientada nos primeiros anos após a independência de Moçambique do jugo colonial, entre os anos 70 e 80, revisita tempos de esperanças e incertezas, transbordamento ideológico e escassez de viveres, amores e espantos. Já no texto de 2008, somos alvejados pelos confrontos sangrentos da guerra civil moçambicana, que, ao longo do tempo, rarefaz ideologias, confunde balalaicas, mas alimenta uma convicção: o “direito” sobre o corpo-vida do outro (MBEMBE, 2018). Entendendo que o jogo intertextual é outro eixo norteador das leituras das obras de Ungulani Ba Ka Khosa, propomos, ou melhor, projetamos aqui a possibilidade de um diálogo intertextual entre as diversas obras do escritor moçambicano, incluindo aí os títulos sob análise nesse momento. Ao longo da leitura de sua obra completa, percebemos que o percurso literário khoseano é articulado como uma espécie de grande texto, distribuído entre contos, romances e crônicas, que se questionam e respondem mutuamente. Recriando ficcionalmente vivências da história recente e pregressa moçambicana, Khosa esmera-se em analisar o homem – partindo de Moçambique, mas projetando-o universalmente – em seu processo de ruína.

Palavras-chave: infância; história; ruína; ficção; Ungulani Ba Ka Khosa

*Agradecemos a todas/os que participaram e, assim,
fizeram o evento um grande sucesso!*

*O evento na íntegra está disponível no site:
mayombe.com.br*